

A CIGARRA E A FORMIGA

PASSEMOS hoje deste jardim da Europa á beira-mar plantado para o paiz que sempre nos enfeitiçou, para além dos Pirineus, realizando assim, mentalmente, uma excursão que nos seja proveitosa no sentido de aprendermos algo de nuevo. A nossa mestra, pois, desta feita é a França, sempre velha e sempre nova!

Vamos tratar da celebre fabula da «Cigarra e Formiga», que o genio helenico soube explorar e que La Fontaine poudo moldar em admiraveis versos da sua lingua. E' este um assunto, que interessa tanto á Arte, como á Sciencia e por isso temos que falar de dois representantes illustres do genio gaulez—La Fontaine e Henrique Fabre.

Recordemos, antes de mais, os versos do fabulista francez que aprendemos lá nos tempos, que vão longe, da nossa saudosa infancia. Eil-os:

*La cigale ayant chanté
Tout l'été*

*Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue.
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau*

*Elle alla crier famine
Chez la fourmi sa voisine,
La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle,
«Je vous paierai, lui dit-elle,
Avant l'out, foi d'animal,
Intérêt et principal».*

La fourmi n'est pas prêteuse :

*C'est là son moindre défaut
«Que faisiez-vous au temps chaud ?
Dit-elle à cette emprunteuse,
— Nuit et jour, à tout venant
Je chantais, ne vous déplaît-elle.
Vous chantiez ? J'en suis fort aise
Eh ! bien, dansez maintenant».*

Por espirito de curiosidade vejamos agora uma primorosa traducção, feita por um grande poeta brasileiro Barão de Paranapiacaba. Eil-a :

A CIGARRA E A FORMIGA

*Havendo a cigarra
Cantado no estio,
Achou-se em apuros
No tempo de frio.*

*De mosca ou de verme
Não tendo migalha,
Procura a formiga
Rogando que a valha.*

Cigarra

*«Chegar-se a abastados
E' sina dos pobres ;
Por isso, amiguinha,
Me empreste alguns cobres.*

*«Preciso ir á feira
Comprar cereal*

*Com que me almente
Na quadra hiberna.*

*«Em vindo a colheita,
Eu juro pagar
Com premios e tudo
O que me emprestar.»*

*Não gosta a formiga
De dar emprestado
E' n'ella o defeito
Mais leve, notado.*

Formiga

*«Nos mezes calmosos,
Você que fazia?»*

Cigarra

*«Andava cantando
De noite e de dia.»*

Formiga

*«Cantava no estio ?
Que bella vidinha !
Agora tem fome ;
Pois dance, vizinha.»*



LA FONTAINE

Um dos maiores fabulistas do mundo,
uma grande gloria literaria de França

São versos admiraveis de singeleza e naturalidade: até o seu pequenino tamanho os recomenda para as creancinhas decorarem. A traducção do Barão de Paranapiacaba é, pois, das melhores. Quanto o nome do traductor é difficil de se pronunciar, a traducção é facil de se reter!

Agora o mais curioso e interessante é o seguinte. Pois depois de a fabula ser consagrada pelos seculos, pela autoridade de tantos poetas e literatos; depois de ela ser decorada, em epocas sucessivas, por milhares e milhares de creanças de todo o mundo e ensinada nas escolas por centenas e centenas de professores de todas as partes, aparece em plena França um sabio, um naturalista, consagrando quasi toda a sua vida ao estudo da vida dos insectos,

João Henrique Fabre, a quem Victor Hugo chamou «Homero dos insectos», mostrando e demonstrando nos «Souvenirs Entomologiques» que La Fontaine se enganou nas relações entre a Cigarra e a Formiga. De facto, a Cigarra no inverno não se encontra ao ar livre, mas sim dentro da terra, sob a forma de larva e nunca ela se alimenta nem de moscas, nem de vermes, mas sim de liquidos doces, que ela por meio do rostro suga das plantas, em especial da oliveira. Em suma, diz Fabre, a Cigarra não precisa de pedir emprestado á Formiga, que, pelo contrario, é quem a explora, aproveitando o seu trabalho e devorando-a por fim.

Sim, a Cigarra trabalha e canta; canta, mas trabalha. É independente e, além disto, generosa e filantropica, mas á sua filantropia a Formiga corresponde com o seu egoismo feroz, procedendo como uma verdadeira bandida.

Agora nestas tardes calmosas de Agosto o que aí vai por esses campos fora! Enquanto nós andamos aqui na cidade a beberricar cerveja gelada, a sorver carapinhadas e saborear groselhas e sorvetes, nos campos ardentes, as moscas, as vespas, as sphex e as formigas sequiosas não sabem onde matar a sede. A Cigarra, porém, é mais feliz, pois com o seu *rosto* fino consegue furar o ramo da oliveira, onde está empoleirada, saboreando assim com delicia o seu *chá das cinco*, que é a seiva doce brotando da oliveira. E satisfeita canta e ao seu canto acorrem ao sitio esses bichinhos, a quem ela acolhe galhardamente.

É neste ponto que começa o drama. As formigas depois de mitigarem a sede, começam a incomodar a Cigarra picando-a e é então que ela, desesperada, tem para elas um gesto semelhante ao de Cambronne, cuja frase Victor Hugo elevou ao sublime num dos capitulos soberbos dos «Miseraveis». Assim a nossa Cigarra, perdendo a paciencia, faz um *pisst! pisst!* isto é, atira por cima delas, com soberano desdem, um jacto de urina. Temos, pois, em vez de *substancia cambrontana* uma *substancia cigarriana*. Oh! a vida dos insectos interessa tanto como a vida da gente.

Na proxima cronica serão inseridas as diferentes traduções da fabula «A Cigarra e a Formiga», feitas por muitos dos nossos grandes poetas.

(Continua)

RAUL MAIA

Agosto de 1930.